

# Turismo Responsável

## ÉTICA SIMPLES

Juntamente com o «rock'n'roll» e a internet, creio que poucas coisas estão a mudar tanto o mundo, em termos culturais, como o turismo. E tal como o rock e a net, também a facilidade de viajar tem as suas consequências, positivas e negativas. Embora como viajante individual tu não possas fazer quase nada para alterar certas coisas, boas ou más, noutras, a tua decisão conta, e muito. Afinal, por teres escolhido viajar por conta própria, em vez de num grupo organizado, ou de teres um intermediário a tratar da viagem, estarás a lidar directamente com as pessoas e as situações de lá. Portanto, o poder é teu: decide e age bem.

1

**Vens do lado rico e arrogante da humanidade.** o lado que nos últimos cinco séculos conquistou, colonizou e enriqueceu à custa da pobreza dos outros. Pode ser uma visão um pouco distorcida ou engagée da história, mas mesmo que tu não penses assim, eles, os teus anfitriões, pensam. Assim, aconselho-te a evitares discussões sobre os seguintes tópicos: superioridade moral e cultural do Ocidente ou do cristianismo; valores da democracia e da liberdade individual, tão defendidos por Bush para invadir o Iraque; falta de higiene ou de organização do Terceiro Mundo; a corrupção dos seus governantes; a «generosidade» do Ocidente com as suas ONG para o desenvolvimento do Terceiro Mundo (este tópico, então, é fogo mesmo); etc.

2

**Sê generoso nas contas pequenas e rigoroso nas grandes.** Uma gorjeta sensata não vai influenciar muito o teu porta-moedas, mas para eles ao fim do mês faz diferença. Opta sempre por hotéis, restaurantes, agências, guias, souvenirs e actividades do próprio país, e sobretudo da região onde estás. Tenta que o dinheiro que tu gastas fique dentro da economia local.

3

**Não dês esmolas.** Se queres ajudar de facto a acabar com a miséria, não dês um peixe a um mendigo, apoia quem o ensina a pescar. Não mantendas famílias inteiras na ociosidade à custa dos filhitos, dos velhos, dos deficientes e dos mutilados que elas mandam para a rua mendigar junto dos turistas. A única atitude correcta é não dar. No entanto, repartir comida pode ser uma solução pontual se vires que tens alguém realmente esfomeado pela frente.

4

**Tens mesmo a certeza de que sabes que esse medicamento que tu possuis é adequado** ao senhor que acabas de conhecer, que fala um inglês que não percebes muito bem e que provavelmente tem qualquer coisa diferente da que tu imaginas? Antes de ofereceres esse tipo de ajuda, independentemente do lugar onde vive e da situação em que se encontra, decide se terias tanta certeza e autoridade médica em tua casa junto de um familiar.

5

**Apoia organizações que trabalhem no terreno** (e já que estás lá, no terreno, dedica algum tempo a conhecer essas organizações) e que invistam na educação, no microcrédito, na autonomia laboral das populações (compra artesanato local por oposição a produtos de marca internacional), nos pequenos projectos de longo prazo. Não apoies as grandes ONG, aliás, como regra, tenta não apoiar nenhuma fundação/organização cuja actuação vá além da comunidade onde te encontres. Aqui a mensagem é simples: se não perceberes bem onde te estás a mover, desconfia.

6

**Não tentes ser voluntário/a de coisa alguma.** Vais para viajar ou para trabalhar? Há uma falcatura generalizada à escala global à volta das boas intenções dos mochileiros e da ideia do voluntariado. Das duas, uma: ou realmente queres dedicar-te a uma causa que apoias, junto de uma organização que conheces, e é esse o objectivo da tua viagem ou então, se te metes durante uns dias ou umas semanas numa acção de voluntariado que te aparece pela frente (tipo ajudar a construir uma escola ou a lavar os pratos da cantina infantil), fica a saber que dificilmente estarás a fazer algo de construtivo e consistente; e quase certamente estás a roubar um posto de trabalho à comunidade. Aqui, a mensagem é a mesma das ONG. Tens a certeza de que sabes o que estás a fazer? Não facilites.

7

Um dos aspectos positivos do turismo independente é o de sensibilizar as populações para a importância de preservar os recursos naturais e o património cultural. Para que esta mensagem passe, também tens de fazer as tuas opções: Recusares «pratos típicos» e souvenirs feitos à base de animais e plantas protegidos; escolheres hotéis de impacto ambiental reduzido (esquece o duche de água quente nos trópicos e a piscina no terraço do edifício em comunidades com falta de água); recolheres o teu lixo e depositá-lo no contentor poupares energia no teu quarto (ar condicionado, luz eléctrica ligada quando saís ou a água da torneira a correr enquanto lavas os dentes ou fazes a barba, etc.), e recusa todas as «novidades» que estraguem o frágil equilíbrio ecológico ou cultural dos destinos, desde shows de luz e som nas pirâmides a teleféricos sobre os socacos, e por aí fora...

8

Respeita as crenças, costumes, pudores e regras de educação do lugar onde estás. Isto tem que ver com:

- A roupa que usas e a pele que mostras.
- Os objectos e pessoas que fotografas e se tens ou não permissão para o fazer.
- A forma como te alimentas e o que bebes, desde o facto de os ingredientes serem ou não locais ao consumo de álcool em certas culturas.
- A riqueza que ostentas ou escondes, quer a nível de objectos de uso pessoal, quer através dos gastos em alojamento e alimentação.
- O nível de contactos físicos ou afectuosos com o teu/ tua namorado/a em público.
- O pouco de palavras da língua local que decides ou não aprender para cumprimentar, agradecer, aceitar ou recusar algo.
- A boa disposição e generosidade simples que consegues ter.

**Máxima**  
O Mundo é Fácil  
**Adilhana**

Se humilde e sorridente. Ficas bem em qualquer choque cultural, situação melindrosa, dogma ou tabu infringido.



# Joga o lixo pela janela\*

Em Ngaoundéré, antes de subir para o autocarro para Maroua, compro bolachas, água, batatas fritas, sardinhas. Ando a alimentar-me mal há vários dias, mas não tenho muitas alternativas: ou esta comida industrial, ou uma malga desses ensopados tradicionais à venda nas bermas e nos apeadeiros de África. Certamente deliciosos, mas de higiene mais que duvidosa. Uma diarreia nestas maratonas itinerantes é um problema que prefiro evitar.

Tenho outro problema: a comida industrial traz consigo um corolário interminável de subprodutos industriais. Latas, plásticos, vidros, cartão, papel. O que fazer com eles? Simples: depositar tudo no próximo contentor do lixo que encontrar. Mas o meu problema é esse: ninguém sabe onde se encontrará o próximo contentor.

Os meus companheiros de viagem não têm este problema, porque nem sabem que ele existe. É perfeitamente natural jogar pela janela fora todo o lixo produzido. É, aliás, de bom-tom. O que faz esse branco aí com o lixo? Guarda-o? Mas é um porco, onde já se viu viajar com toda essa imundície a apodrecer dentro desse saco de plástico aos seus pés. Ainda nos pega alguma doença. Um passageiro mais compreensivo assume que eu estou apenas distraído, e com a melhor das intenções aponta-me a janela. Pega no meu saco e, depois de me mostrar que o segura com ar de nojo, joga-o por fim pela janela fora com um sorriso severo (...)

\*Excerto de «África Acima», 2007, Oficina do Livro

# Participar num projecto de voluntariado



Há alturas na vida em que sentimos uma forte necessidade de conhecer o mundo, outras culturas, outras realidades, outras formas de pensar. Não queria apenas ir, queria também contribuir para o desenvolvimento de acções sustentáveis. Mas ir para onde? Como voluntária? Fazer o quê? Com quem? Sozinha? Será uma loucura? Porque é que quero fazer isto? Como poderia participar num projecto de voluntariado? Tantas perguntas difíceis e apenas uma certeza: a de querer ir... Acho que é difícil encontrar resposta para todas estas perguntas antes de ir. Acho também que se pensamos muito nelas corremos o risco de passar o resto da vida a pensar e nunca a ir.

Depois de conversar com amigos e ainda com algumas dúvidas e muitas preocupações comecei a procurar uma ONG. Decidi então entrar em contacto com a Building New Hope, uma organização norte-americana que actua na Nicarágua. Sabia que tinham alguns projectos sociais relacionados com a educação, área da minha formação. A resposta que tive não serviu para esclarecer muitas das minhas dúvidas iniciais: «Vem, serás muito bem-vinda, temos muito trabalho e estou certa de que uma psicóloga social poderá encontrar facilmente algo de muito importante para fazer nos projectos com as nossas crianças». Estava cada vez mais certa de que as minhas incertezas nunca iriam ser respondidas até ir. Afinal, se não me adaptasse, podia sempre voltar para casa. E foi este pensamento que me deu segurança para ter a coragem de ir.

Os pensamentos antes de ir podem ser um pouco dramáticos: «Von deixar toda a minha vida para trás», «O que é que vai acontecer durante o tempo que estiver fora?», «O que é que vai acontecer à minha família e amigos?» São exactamente esses pensamentos que, por mais que tentemos evitar, não conseguimos. A solução é mesmo não pensar muito neles.

Ao chegar à Nicarágua percebi que tudo era muito diferente do que eu pensava, não pior, não melhor, apenas diferente. Encontrei uma ONG muito acolhedora, com voluntários de vários países que rapidamente me fizeram sentir em casa. Pessoas de todos os cantos do mundo, a fazer

trabalho voluntário, com motivações extremamente diferentes. Mas afinal o que é que leva todas estas pessoas a abdicar da segurança, a abandonar a vida que têm nos seus países por um ou dois anos de voluntariado? As respostas são imensas. Todos encontram milhares de razões e ao mesmo tempo não tem nenhuma. Acho que as perguntas que não têm resposta antes da partida são comuns.

As primeiras semanas podem ser um pouco difíceis, entenda-se como difíceis as saudades, a ansiedade, o receio da não adaptação, as incertezas, todas aquelas questões a que eu não sabia responder antes de ir regressavam diariamente à minha mente. Mas superadas essas semanas, o sentimento de integração, de pertença e de serenidade instala-se, como se sempre tivesse vivido naquela cultura tão diferente da minha.

Apesar de ainda existirem muitas pessoas que acham que um trabalho voluntário não é trabalho, eu não concordo. Todo o trabalho, remunerado ou não, tem o valor que a pessoa deposita nele. O reconhecimento não é diferente e não creio que os voluntários trabalhassem mais se fossem pagos. Por isto, coloquei o máximo do meu empenho e esforço na Escuelita Yo Puedo e na Quinta los Chavalas, duas escolas de apoio educativo e psicossocial a crianças de bairros desfavorecidos da cidade de Granada.

Quando regresssei a Portugal, já tinha encontrado as respostas às minhas perguntas. O regresso pode ser muito difícil, pois é um misto de sentimentos. As direcções das saudades agora invertem-se, as despedidas fazem-se lá, no sítio para onde decidi ir e que depois me custam abandonar.

A decisão de ir foi, sem dúvida, uma das melhores que tomei até hoje. Decididamente mudou a minha maneira de estar no mundo, de ver o outro, e de me conhecer melhor. Por isso decidi embarcar numa outra aventura, numa outra cultura, num outro mundo, com a mesma vontade de sentir, de ver, de viver.

Por essa razão, estou a escrever este texto, não no meu lugar seguro em Portugal, mas sim na Guiné-Bissau, sempre com a certeza de que se não me adaptar e não conseguir ver esta nova realidade com os olhos de quem sempre estive aqui, posso sempre voltar a casa.

Isa Paiva das Neves